

A atualidade do imperialismo e a contribuição de Johan Galtung, 50 anos depois

54

Marcelo Milan ¹

Resumo

Este artigo defende a atualidade do imperialismo enquanto categoria analítica para se pensar o capitalismo contemporâneo e, neste sentido, a necessidade de se retomar uma contribuição indevidamente negligenciada pela literatura: a teoria estrutural do imperialismo de Johan Galtung, elaborada há cinquenta anos. Esta teoria remete ao papel da violência como a diferença entre capacidade potencial e realizada, e aborda as dimensões fundamentais do fenômeno (econômico, militar, comunicação, político e cultural), seus mecanismos e suas fases. Assim, para identificar possíveis lacunas que poderiam ser preenchidas pelo trabalho de Galtung, as abordagens clássicas e os estudos recentes do imperialismo são revisados de forma não exaustiva. Ao mesmo tempo, a teoria estrutural do imperialismo apresenta fragilidades epistemológicas e ontológicas que precisam ser sanadas, de forma que ela possa proporcionar instrumentos interpretativos mas também de ação política para enfrentar o capitalismo imperialista contemporâneo.

Palavras-chaves: Imperialismo, Johan Galtung, Violência.

¹ Professor Associado do Departamento de Economia e Relações Internacionais e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da UFRGS.
| marcelo.milan@ufrgs.br.



Resumen

Este artículo defiende la relevancia del imperialismo como categoría analítica para pensar el capitalismo contemporáneo y, en este sentido, la necesidad de revisar un aporte indebidamente descuidado por la literatura: la teoría estructural del imperialismo de Johan Galtung, elaborada desde hace cincuenta años. Esta teoría hace referencia al papel de la violencia como diferencia entre capacidad potencial y capacidad realizada, y aborda las dimensiones fundamentales del fenómeno (económico, militar, comunicativo, político y cultural), sus mecanismos y fases. Así, para identificar posibles vacíos que podrían ser llenados por el trabajo de Galtung, se revisan los enfoques clásicos y los estudios recientes del imperialismo de manera no exhaustiva. Al mismo tiempo, la teoría estructural del imperialismo presenta debilidades epistemológicas y ontológicas que necesitan ser remediadas, para que pueda ofrecer instrumentos interpretativos pero también de acción política para enfrentar al capitalismo imperialista contemporáneo.

Palabras clave: Imperialismo, Johan Galtung, Violencia.

Abstract

This article defends the relevance of imperialism as an analytical category to think about contemporary capitalism and, in this sense, the need to revisit a contribution unduly neglected by the literature: Johan Galtung's structural theory of imperialism, elaborated fifty years ago. This theory refers to the role of violence as the difference between potential and realized capacity, and addresses the fundamental dimensions of the phenomenon (economic, military, communicating, political, and cultural), its mechanisms, and phases. Thus, to identify possible shortcomings that could be solved by Galtung's work, classical approaches and recent studies of imperialism are reviewed in a non-exhaustive way. At the same time, the structural theory of imperialism presents epistemological and ontological weaknesses that need to be remedied, so that it can provide interpretive instruments but also tools of political action to confront contemporary imperialist capitalism.

Keywords: Imperialism, Johan Galtung, Violence.

"The protection of a country's existing foreign interests, the capture of new markets, the progress of economic imperialism—these are a scarcely avoidable part of a scheme of things which aims at the maximum of international specialization and at the maximum geographical diffusion of capital wherever its seat of ownership" (Keynes, 1933, p. 180).

"(...)Trump insisted he wanted military options for Venezuela and then keep it because 'it's really part of the United States'" (Bolton, 2020, p. 226).



Introdução

56

A citação de Keynes na epígrafe sugere corretamente que o imperialismo é inevitável. O que o grande economista britânico não aprofunda, em um texto que defende teses pacifistas, são os igualmente necessários meios violentos empregados para se proteger os interesses internacionais criados com a difusão geográfica do capital e a captura de novos mercados para sustentar a especialização produtiva e comercial. A citação de Bolton deixa claro que a opção militar é sempre uma prerrogativa do império, não importando os regimes e as instituições internacionais. O idealismo Keynesiano não permite, porém, ver este militarismo como corolário de seu postulado. Inclusive os gastos militares têm desempenhado historicamente um importante papel no impulsionamento da demanda efetiva, isto é, da realização do valor. Além disso, a confissão do conselheiro para assuntos de segurança nacional de Donald Trump mostra que os principais países imperialistas do último século, Inglaterra, seguindo a tradição de Cecil Rhodes na Zâmbia e no Zimbábue, e depois Estados Unidos, consideram os países subdesenvolvidos como territórios e populações a serem anexados conforme a necessidade.

Ao mesmo tempo, a afirmação de Trump deixa claro que o imperialismo, como Keynes argumentou há quase um século, continua sendo inevitável, dado que o capitalismo exige uma estrutura e um espaço mundial para funcionar. Esta faceta se torna mais intensa nos marcos da crise do neoliberalismo, em que a expropriação se torna um instrumento necessário de apropriação de mercadorias, capitais, ativos e excedentes (Patnaik e Patnaik, 2021). Quem melhor identificou essa característica foram os pensadores marxistas que têm desenvolvido elaborações teóricas sobre o imperialismo. Em particular, Rosa Luxemburgo antecipou Keynes na identificação da importância dos gastos militares para enfrentar as crises. E o economista britânico conhecia as ideias de Lenin, mas enfatizou apenas a avaliação Leninista do papel que a erosão do valor da moeda pode desempenhar na fragilização das economias capitalistas. Talvez fosse necessário estudar o trabalho clássico de Lenin sobre o imperialismo, e reconhecer que o revolucionário russo estava certo também em muitas outras questões sobre o modo de produção e reprodução do capital.

O que é importante questionar, porém, dado que o imperialismo enquanto fenômeno segue sendo uma característica inseparável do capitalismo, é se no âmbito epistemológico a teorização marxista sobre o



mesmo, as contribuições de Lenin e Luxemburgo inclusas, em sua multiplicidade de abordagens, segue sendo válida. É possível afirmar sem grande chance de erro que sim. Contudo, essa avaliação preliminar precisa ser qualificada, posto que a visão marxista, embora seja a de maior fôlego em termos tanto de escopo temático como de profundidade analítica, não exaure, e nem mesmo se postula a tanto, a interpretação do imperialismo. Argumenta-se neste artigo que uma contribuição importante, publicada em 1971, tem sido negligenciada pelos cientistas sociais. O trabalho do sociólogo e matemático norueguês Johan Galtung sobre o imperialismo não parece ter sido devidamente apreciado em termos de sua contribuição para a literatura sobre o tema. No Brasil, referências ao seu trabalho são praticamente inexistentes. Portanto, este artigo resgata a teoria estrutural do imperialismo de Galtung, articulando-a com as principais teorias marxistas e identificando suas vantagens e insuficiências para entender o capitalismo contemporâneo.

O artigo está organizado em cinco seções, incluindo esta introdução. A próxima seção aborda, por meio de uma concisa revisão, a produção intelectual marxista sobre o imperialismo, principalmente a produção em língua inglesa. A terceira seção resgata de forma resumida a teoria estrutural do imperialismo do Galtung, identificando suas principais características. A quarta seção propõe uma revisão igualmente breve da abordagem de Galtung para atualizar sua teoria frente a desenvolvimentos importantes que ocorreram no capitalismo desde os anos 1970 e 1980. A seção final apresenta as considerações finais.

1. O Imperialismo na Teoria Marxista: O Período Clássico, o Interregno Vazio e a Retomada no Período Recente

O pensamento marxista clássico sobre o imperialismo se desenvolve a partir de dois elementos planejados mas não completados por Marx e Engels, mas que, todavia, encontram-se no cerne do fenômeno que se pretende entender. Estes elementos são as teorias do Estado e do mercado mundial. Portanto, a teorização é feita sem um fundamento na literatura marxiana, tendo de partir da obra de John Hobson, o primeiro autor a tratar do imperialismo de forma sistemática, mas não marxista.

A abordagem marxista clássica do imperialismo começa com Hilferding (1985[1910]). Ele considera o papel do capital financeiro, a fusão entre capital bancário e capital industrial, como ponto de partida para



entender a formação dos monopólios. Estes monopólios perseguem uma expansão territorial mundial, com as colônias sendo mantidas de forma violenta, mas com barreiras protecionistas contra a concorrência estrangeira, sendo as duas últimas tarefas funções do Estado. Já Luxemburgo (1984[1913]) parte dos esquemas marxistas de reprodução, enfatizando a necessidade de formações pré-capitalista como complementos dos mercados consumidores domésticos, de forma que as mercadorias produzidas nos países capitalistas sejam exportadas, e assim realizem seu valor, mesmo que de maneira forçada. A expansão territorial por meios militares, isto é, do Estado capitalista, para abrir os mercados externos nos países menos desenvolvidos e, no processo, proporcionar involuntariamente parte de demanda efetiva necessária é, portanto, inevitável. O trabalho de Bukharin (1984[1915]) sobre o imperialismo enfatiza a internacionalização do capital simultaneamente à nacionalização do capital, com o surgimento de blocos nacionais de poder entre os capitais, ou monopólios, amalgamados pelo capital financeiro e também pelo Estado, que concorrem com outros blocos na economia mundial. Os monopólios portanto dominam os mercados nacionais mas competem de forma agressiva no plano mundial por meio de políticas imperialistas dos Estados nacionais, possivelmente contribuindo para o surgimento de um segmento diferenciado minoritário da classe trabalhadora, beneficiária destas políticas.

O curto trabalho de Lenin (20 [1916]) representa talvez o ápice da teorização marxista clássica sobre o imperialismo, embora seja uma síntese de Hilferding e Bukharin (além de John Hobson). Lenin defende que o imperialismo é uma nova fase histórica do capitalismo, a dos monopólios. O texto de Lenin qualifica a contribuição de Luxemburgo, dado que exportação de capitais passa a ser um elemento tão importante, talvez até mais, que as vendas externas de mercadorias para auxiliar na realização do valor. A exportação de capitais, para Lenin, é uma necessidade quando não há alternativas lucrativas para a acumulação doméstica de capital. Mas esta é uma das cinco características da época imperialista. As outras quatro incluem a concentração da produção e do capital na forma de monopólios, a fusão do capital bancário com o capital industrial, promovendo o surgimento do capital financeiro, a formação de combinações de capitais monopolistas internacionais e a divisão territorial do mundo entre as potências capitalistas.

O que se seguiu ao período clássico? Aparentemente houve um hiato, um interregno vazio. Contudo, Xu (2021) mostra a evolução da frequência do termo 'imperialismo', em inglês, nos livros acessados pelo Google. Após um



pico local no início do século XX, o termo apresenta rápido crescimento da primeira década daquele século até meados dos anos 1950, com a guerra imperialista na Coreia. Não há o desaparecimento do termo como poderia parecer pela avaliação da publicação de trabalhos importantes sobre o tema. E segundo os dados coletados por Xu, o período de crescimento mais rápido na frequência do termo se deu, na verdade, entre o final dos anos 1950 e a primeira metade da década de 1970, quando então perdeu participação no total de citações até meados dos anos 1990.

A partir de então, mesmo com oscilações, apresenta uma trajetória de gradual crescimento. Portanto, entre a publicação do livro seminal de Lenin, que parece marcar o fim do período clássico dos estudos marxistas sobre o imperialismo², e os trabalhos de sistematização e revisão e também de novos aportes dos anos 1960 em diante, aconteceu provavelmente uma interrupção no fluxo de novos estudos marxistas de destaque sobre o imperialismo. A historiografia marxista precisa investigar o ocorrido durante este período ou interregno vazio, em que a frequência aumenta mas não se identificam trabalhos fundamentais sobre o tema. De qualquer forma, o declínio no período de predominância neoliberal e diminuição da teorização sobre o imperialismo levou Patnaik (1990) a se questionar o que havia acontecido com o conceito.

A literatura de síntese ou sistematização não se detém sobre o interregno vazio e remete de Lenin aos trabalhos da escola da Monthly Review (MR) e dos teóricos da dependência nos anos 1950, principalmente Paul Sweezy e Paul Baran, mas também Andre Gunder Frank, Samir Amin e outros. Contudo, o esforço explícito de engajamento com o imperialismo, na escola da MR, foi retomado principalmente pelos trabalhos de Harry Magdoff (Magdoff, 1969 e 1978). Na atualidade o periódico Nova Iorque é, talvez, o principal promotor dos trabalhos sobre o imperialismo em língua inglesa, tanto nas páginas da própria revista como pela editora Monthly Review Press. Assim, contribuições renovadas e de maior ambição em termos de teorização foi retomado a partir dos anos 1990 com apoio desta editora.

² Com a possível exceção do trabalho de 1929 de Henryk Grossman sobre a lei da acumulação e o colapso do sistema capitalista, que identifica o imperialismo, assim como Luxemburgo, como uma resposta às crises do capitalismo, neste caso não como crise de realização, mas de queda na taxa de lucro. Grossman faz referência a outros trabalhos sobre o imperialismo da segunda metade dos anos 1920, desenvolvidos por Fritz Sternberg.



Ainda no período clássico começou um movimento, aparentemente inevitável nas ciências humanas e sociais, caracterizado pela proliferação de prefixos adicionados ao imperialismo: após, hiper, neo, novo, pós, sub, super, ultra. Em 1914, ano de eclosão da I Guerra Mundial, o renegado Karl Kautsky defendia a tese do ultraimperialismo, conceito empregado de forma similar por Hudson (2003[1972]), não para qualificar a natureza do mesmo como no primeiro, a partir da formação de cartéis e da coordenação das potências imperialistas (Kautsky, 1970[1914]), mas para qualificar a dominação mundial pelos Estados Unidos, a partir do seu elevado endividamento. O após (Brown, 1970) ou pós-imperialismo (Becker et al. 1987) se tornou um indicativo de qualificação ou rejeição das abordagens clássicas. A teoria do sub-imperialismo é de lavra latino-americana associada à teoria da dependência de Rui Mauro Marini (Valencia, 2019). O fenômeno de prefixação continua (Harvey, 2003; Enfu e Baolin, 2021).

Na verdade, o trabalho de Kautsky sugere que há duas conclusões distintas com relação ao imperialismo: aquelas que o interpretam em termos de resultados obtidos por meio de coerção e violência, enfatizando a rivalidade, e aquelas que identificam tendências pacifistas e colaborativas (e logo a necessidade de qualificar com prefixos) na consecução dos mesmos, remetendo a uma unidade (Rowthorn, 1971; Mandel, 1970). Do ponto de vista temático, duas questões fundamentais têm sido perseguidas pela primeira vertente: a concorrência intercapitalista e a guerra por um lado e a relação hierárquica entre os países imperialistas e os demais por outro. A segunda abordagem enfatiza o papel do imperialismo na superação dos modos de produção arcaicos e da diplomacia como forma de resolução dos conflitos, enfatizando os efeitos nos países dominados. Por exemplo, seguindo a escola inaugurada por Kautsky, Warren (1973; 1980) argumenta que o imperialismo é progressista na periferia, proporcionando o desenvolvimento das forças produtivas via industrialização. Considerando apenas a experiência do imperialismo na América Latina, o trabalho de Galeano (1970) já apresentava fatos contrários à tese de Warren. Mais recentemente, Borón (2012) e Valencia (2019) proporcionam argumentos e dados que permitem rejeitar a interpretação de Warren para a região. E Petras e Veltmeyer (2015) mostram que a exportação de capitais para a região pode nem mesmo ser a característica mais relevante do imperialismo contemporâneo. O extrativismo que marcou a região por séculos volta a ser um mecanismo importante de redirecionamento de mercadorias para o centro. E na linha do pensamento clássico, muitos estudos de caso retratam



o imperialismo da perspectiva das potências, com trabalhos sobre os diferentes imperialismos, principalmente o norte-americano (Duménil e Lévy, 2004), mas também britânico, francês (Serfati, 2015) e até mesmo japonês (Halliday e McCormack, 1973).

A linhagem de Kautsky encontra elementos de continuidade na literatura não marxista, principalmente os trabalhos de John Dunning, que assume a existência de quatro tipos de investimento direto estrangeiro: busca por mercados, busca por recursos, busca por ativos estratégicos e busca de eficiência. Embora o último tipo trate de um resultado e não de um processo, não se constituindo em tema que neste caso seja de interesse dos marxistas, a exploração de economias de escala pela ampliação do mercado se confunde com o primeiro tipo. Se a questão da eficiência diz respeito a outros custos, como força de trabalho ou energia, converge para o segundo. E na medida em que a maior eficiência se reflete em maiores lucros, não é muito diferente do terceiro. E todos estes tipos estão contemplados pelas teorias clássicas do imperialismo, com a vantagem de abordarem a exportação de capital em termos de relações de poder, violência e exploração.

Ainda nos anos 1960 foi lançado o primeiro trabalho em língua inglesa de sistematização das teorias do imperialismo (Kemp, 1967). Novos trabalhos de revisão foram feitos nas décadas de 1970 (Brown, 1976; Owen e Sutcliffe, 1972) e principalmente 1980 (Brewer, 1980; Mommsen, 1982; Etherington, 1984; Barone, 1985). Essa tendência continuou nos anos 2000, com obras proporcionando excertos dos trabalhos clássicos (Gaido; Day, 2012), levantamentos classificatórios (Noonan, 2017) e problematizações (Chilcote, 2000; Corrêa, 2012). O esforço de teorização mais recente proporciona avanços, com os trabalhos de Smith (2016) Patnaik e Patnaik (2016, 2021). Smith (2016) defende a hipótese da arbitragem laboral por meio do deslocamento internacional do capital para lucrar com os diferenciais internacionais de salário como característica da globalização do capital. O autor deixa o militarismo em um segundo plano e enfatiza, por meio de estudos empíricos, a exploração do trabalho no Sul Global. Neste sentido, Petras e Veltmeyer (2001) argumentam que a globalização nada mais é que a manifestação do imperialismo. Patnaik e Patnaik (2016) abordam a divisão internacional do trabalho e sua manutenção devido ao imperialismo dos grandes países industrializados. Patnaik e Patnaik (2021) enfatizam a natureza expropriadora do imperialismo e as tendências especulativas surgidas com o neoliberalismo.



Talvez o principal aprofundamento recente efetuado em relação ao pensamento clássico esteja associado à exportação de capital produtivo e o advento das multinacionais ou transnacionais e seus impactos nos países pobres (Radice, 1975). Becker et al. (1987), também engajados em exercício de prefixação por seguirem a vertente Kautskyana, abordam o papel das multinacionais e as relações com os Estados dos países subdesenvolvidos (chamados de menos desenvolvidos). A simbiose de interesses faz com que as empresas se ajustem às políticas dos países, o que parece despropositado, já que os países buscam atrair as mesmas. A burguesia gerencial como classe social transnacional se forma no processo, incluindo capitalistas, executivos e burocratas. O pós-imperialismo ou internacionalismo corporativo é caracterizado pela cooperação mais que pelo conflito, com democracia e crescimento nos países pobres.

Autores não marxistas como Nowell (2002-03) e Hauner et al. (2017) argumentam que o imperialismo, na linha de Bukharin, Lenin e Luxemburgo, é uma resposta a problemas econômicos, sejam, no primeiro caso, seguindo Keynes, deflação por falta de demanda efetiva ou, no segundo, a existência de diferenciais de lucros entre os países e a necessidade de monopolizar os lucros maiores no exterior por meio da ação do Estado capitalista, em linha com o pensamento marxista clássico. Hauner et al. (2017) fazem um trabalho de histórica econômica, levantando informações relativas ao período clássico do imperialismo. Para o período recente, Duménil e Lévy (2004) encontram resultados similares, mostrando a atualidade do imperialismo para entender o funcionamento do capitalismo estadunidense.

O que falta a todos estes estudos tomados em conjunto é uma síntese. Há uma ênfase na questão econômica (Albo, 2004; Brown; 1976; Chilcote, 2000) e no papel da agressão militar dos países subdesenvolvidos. Contudo, a exportação de capitais e principalmente a exportação de mercadorias precisam de redes de comunicação e transporte que são estruturadas e controladas pelas potências imperialistas. As ideias, a ciência e o conhecimento, que afetam o tecido produtivo dos países, também não são fornecidos de forma benevolente pelos países ou por instituições, mas são produzidos e difundidos na forma de cultura pelo imperialismo. E é justamente esta síntese que é proposta pela teoria estrutural do imperialismo aventada por Galtung.



2. A Contribuição de Johan Galtung: Um Resumo da Teoria Estrutural do Imperialismo³

As pesquisas de Galtung estão direcionadas para a questão da paz e da resolução de conflitos, sendo o fundador desta linha de investigação e uma das principais referências sobre o assunto. Neste aspecto, assim como Lenin e Luxemburgo, foi mais longe que Keynes no entendimento das origens da violência e das condições estruturais para sua superação. Em particular, permite entender porque o imperialismo está intrinsecamente articulado com o militarismo e a guerra, e que, desta forma, o 'progresso' do imperialismo é incompatível com a paz. Do ponto de vista da pesquisa, Galtung fundou o Instituto Oslo de Pesquisa sobre a Paz e o *Journal of Peace Research*, possibilitando a disseminação das investigações sobre estes temas.

Os trabalhos Galtung sobre o imperialismo estão articulados com sua pesquisa sobre a paz, definida como ausência de violência. Galtung considera que a violência é a forma típica de resolução de conflitos, mas que ela não se materializa apenas de forma direta, como as guerras no caso dos países, isto é, com uma intenção explícita ou um agente perpetrador identificável e bem definido. A violência indireta ou estrutural neste caso é ainda mais efetiva, tendo a característica de se perpetuar de forma gradual e contínua pela sua confluência com a própria estrutura social. Em outro trabalho, Galtung elaborou o conceito de violência cultural ou simbólica, incluindo aqui manifestações como religião, ideologia, arte, linguagem, ciência que reforçam as situações de violência direta ou estrutural. Cabe notar que a questão cultural é fundamental, mas foi ignorada pelos pensadores marxistas clássicos. Galtung define assim a violência como se manifestando em condições em que se forma uma diferença entre realização e potencial. A paz seria alcançada na medida em que o potencial fosse plenamente realizado, sendo que, no caso dos países, não haveria grandes diferenças de potencial nas dimensões relevantes e, obviamente, comparáveis. Portanto, o conceito é amplo, flexível e maleável para representar diferentes situações, mas sem perder poder explicativo no período histórico em que foi proposto.

Portanto, Galtung não aborda o imperialismo apenas no plano das relações entre Estados e capitais externos e domésticos (abordagem relacional), como ele considera uma forma primitiva, mas como característica

³ Esta seção se baseia em Milan (2021).



estrutural que restringe as possibilidades de liberdade plena para Estados periféricos (autodeterminação e soberania) e capitais destas regiões (restrição à operação da lei do valor para os capitais dos países periféricos). Ou seja, o imperialismo moderno entendido por Galtung é interpretado como uma forma de violência se impõe mesmo quando não há uma coerção sendo exercida diretamente pelo Estado imperialista e seus capitais de forma explícita. E esta interpretação afasta a possibilidade de um imperialismo progressista *a la* Warren. E essa articulação entre imperialismo e desigualdade já havia sido enfatizada por Galeano (Galeano, 1970).

O imperialismo estrutural promove um arranjo institucional desigual entre os países, isto é, um mecanismo persistente, mesmo que não totalmente impermeável à mudança, e que se autorreforça, mantendo os países subdesenvolvidos abaixo do seu potencial em termos de desenvolvimento, tanto do próprio capitalismo enquanto modo de produção como do potencial do desenvolvimento das forças produtivas mesmo para os países plenamente capitalistas em suas diferentes formações sociais. Ou seja, o imperialismo deriva de uma situação desigual e opera no sentido de reforçar e manter esta desigualdade, entre países e dentro dos países, sem que haja a necessidade de associar a consequência (subdesenvolvimento crônico) ao exercício da agência de uma potência imperialista.

Galtung assume um sistema mundial dividido entre centro (imperialista) e periferia (dependente e explorada), divisão esta que também caracteriza os países. O elemento que fornece potência analítica para a teoria estrutural do imperialismo é que os países podem estar no centro de acordo com um tipo de imperialismo e simultaneamente na periferia com relação a outro tipo. Há portanto elementos de harmonia entre os países do centro, e entre os centros do sistema mundial (incluindo o centro burguês da periferia) mas potencial para divergências e conflitos. A exploração da periferia pelo centro pode ocorrer por meio de coalizões entre os centros, mas sem uma articulação similar entre as periferias, pois a periferia proletária do centro pode se beneficiar do imperialismo, nos moldes da aristocracia operária proposta por Bukharin.

Um importante diferencial a favor da teoria estrutural de Galtung é a proposição de cinco tipos de ou dimensões do imperialismo: econômico, político, militar, da comunicação e cultural como uma espécie de síntese do fenômeno. Além disso, flexibilidade da sua teoria do imperialismo permite explicar também variações, como imperialismo social da ex-URSS em relação à China e aos países do antigo bloco soviético, no sentido de legitimar uma



estrutural social, ou o sub-imperialismo ou imperialismo por delegação, absorvendo um elemento importante das teorizações latino-americanas (Galtung, 1976). Além disso, a teoria considera dois mecanismos e três fases imperialistas. Galtung defende que o imperialismo estrutural não é hierárquico, mas caracterizado por efeitos múltiplos, com desdobramentos e derivações de cada tipo, mecanismo ou fase. Desta forma, um tipo pode se converter em outro, a partir dos diferentes graus de cooperação ou conflito entre os centros e as periferias.

Os mecanismos são a interação vertical entre centro e periferia, tanto no sistema mundial como internamente aos países, e a estrutura feudal de interação entre os centros e as periferias no âmbito mundial. O primeiro mecanismo é explicado por um hiato tecnológico entre os polos, que se reflete no padrão de trocas internacionais e explica os imperialismos econômico e cultural, este último na medida em que inclui o conhecimento e a ciência. Há assim uma interação cumulativa assimétrica que aumenta a desigualdade e logo a violência estrutural. Um resultado é a manutenção de elevados índices de pobreza na periferia dos países periféricos, aspecto abordado por Patnaik e Patnaik (2016). O segundo mecanismo explica a manutenção política da desigualdade, ao impedir interações entre as periferias e entre uma periferia dominada por um centro com outros centros. Aqui atuam o imperialismo militar e de comunicação, que inclui também o transporte. Trata-se de um mecanismo que atua no sentido de manter a divisão para manter a conquista.

Por fim, As fases do imperialismo são o colonialismo, quando as comunicações e os transportes são pouco desenvolvidos, exigindo maior presença militar nas colônias, o neo-colonialismo, a partir de melhorias nos sistemas de transporte e comunicação proporcionando a presença de organizações internacionais, principalmente as multinacionais, e o neo-neo-colonialismo⁴, com sistemas avançados de comunicação e transporte tornando desnecessária a presença física e facilitando a coordenação das interações vertical e feudal a partir do próprio centro. Na segunda fase há o esforço de criação de identidades entre os centros nos países periféricos e os centros do sistema mundial. Galtung propõe a existência de cinco sub-fases do neo-colonialismo.

Em resumo, a teoria estrutural de Galtung avança em identificar, sintetizar e logo unificar em uma única abordagem ou arcabouço as

⁴ Galtung também se rendeu à prefixação.



características essenciais do imperialismo. Os elementos gerais abordados pelos pensadores marxistas clássicos, assim como muitas contribuições mais recentes, podem ser facilmente incorporadas na teoria estrutural de Galtung, pois os tipos de imperialismo são genéricos o bastante. Contudo, e não poderia ser diferente, a abordagem apresenta insuficiências que precisam ser sanadas, principalmente em vista das mudanças ocorridas no capitalismo no último meio século.

3. A Teoria Estrutural do Imperialismo: Um Esboço de Revisão

Dez anos após propor a sua teoria estrutural, Galtung avaliou se seria pertinente (Galtung, 1980). Ele argumentou que sim. Neste mesmo sentido, pode-se questionar se a avaliação se mantém, não dez anos depois, mas cinquenta. E esta avaliação pode tratar tanto do método como do fenômeno, ou ambos. Por uma questão de espaço, possíveis problemas metodológicos com a abordagem de Galtung não podem ser aqui aprofundados. Cabe apenas notar que, do ponto de vista epistemológico, o estruturalismo, com ou sem razão, perdeu espaço na teoria crítica. Principalmente aquele de verniz mais Althusseriano. A abordagem foi muito criticada por enfatizar a permanência estática das estruturas e não permitir contradição e mudança. Essa crítica foi feita a Galtung (Milan, 2021). Embora de fato a teoria estruturalista seja pouco dialética, a história parece dar mais razão aos estruturalistas, inclusive pela própria atualidade do imperialismo e pela falta de perspectiva de agência revolucionária nas últimas décadas. Pelo contrário, o capital segue dando as cartas. Ou seja, faltou Lampedusa aos críticos, pois a mudança, ainda que seja uma característica estrutural do capitalismo, não deve ser um fim em si. A direção e o sentido importam mais que o próprio movimento, pois retrocesso também é mudança. Mas esta polêmica vai além do escopo deste artigo.

Ainda do ponto de vista epistemológico, cabe ressaltar que a estrutura feudal de interação não parece ser uma característica da fase atual do imperialismo e que, portanto, o período neo-neo-colonial parece ter sido superado, exigindo nova qualificação. O próprio desenvolvimento dos transportes e das comunicações sugere maior facilidade de interações entre as periferias e as periferias e os vários centros, como sugerem as parcerias Sul-Sul. Da mesma forma, centro e periferia como uma estrutura típica do sistema mundial parece uma divisão muito rígida. A presença de uma semiperiferia, como teorizada por Wallerstein e Arrighi, proporciona mais



flexibilidade, pois permite incorporar as teses do imperialismo progressista e mostrar seus limites em termos de redução da violência estrutural que caracteriza a economia mundial capitalista. A ascensão da China desde que Galtung propôs sua abordagem sugere que é possível superar a desigualdade imposta pelo imperialismo, ainda que recoloque a questão do imperialismo político, com possíveis repercussões militares, como uma conversão importante a partir do imperialismo econômico estadunidense. Mas isso já remete à questão ontológica.

E é nesta dimensão que mudanças na abordagem de Galtung são necessárias, ainda que seja difícil desmembrá-la do instrumento analítico. O imperialismo econômico indiferenciado de Galtung, ou no limite focado no elemento tecnológico, produtivo e comercial, não permite identificar os diferentes papéis desempenhados pelas diferentes formas de capital e logo das diferentes práticas imperialistas. A exportação de capital hoje, principalmente com a internacionalização do capital produtivo, cria uma fragmentação na forma de cadeias de valor (Suwandi, 2019; Suwandi et al., 2019) que atua indiretamente também no aumento da concorrência entre os países periféricos para absorver elos desta cadeia e logo do acirramento das rivalidades políticas. Esse fenômeno não pode ser avaliado politicamente, dentro da teoria de Galtung, pelas estruturas feudais ou isoladas. E na dimensão econômica reforçam a divisão do trabalho que mantém os países subdesenvolvidos especializados naquelas etapas das cadeias produtivas que não permitem reduzir as diferenças produtivas e tecnológicas, revalidando a teoria por outras razões, já que a brecha tecnológica parece ter de fato aumentado.

A violência estrutural postulada por Galtung se mostra presente na atuação das instituições multilaterais, por desenho institucional. É reconhecido que estas organizações, em particular o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Grupo Banco Mundial (BM) e a Organização Mundial do Comércio (OMC) atuam para favorecer os interesses dos países capitalistas desenvolvidos, embora nem todos sejam imperialistas em termos dos outros tipos de imperialismo. Mas há uma assimetria considerável em termos da promoção dos interesses particulares dos Estados Unidos, sem que este tenha de explicitar seu imperialismo por meio de relações bilaterais. Mais importante, a ascensão e queda do neoliberalismo (Patnaik e Patnaik, 2021), em um primeiro momento difundido pela ação destas instituições tem repercussão do ponto de vista da financeirização do capital, que não é captada pelo conceito de imperialismo econômico de Galtung.



Do ponto de vista político, Galtung não enfatiza de forma suficiente o papel da violência direta, como os golpes de estado patrocinados pelas potências imperialistas e de capitalistas mais sinceros. Existe um certo cinismo por parte do império e do capital, como na admissão de Elon Musk de que participou do golpe de Estado na Bolívia para facilitar o acesso ao lítio. Este aspecto foi captado de forma mais precisa pelas teorias clássicas do imperialismo e que sugerem uma insuficiência fundamental nas teorias do investimento estrangeiro direto que busca por recursos apenas com base em arranjos 'livres' entre os países.

Estes são apenas alguns poucos elementos preliminares que apontam no sentido de uma revisão mais ampla da teoria de Galtung. Contudo, não se trata de transformação radical, mas de inserção de características do capitalismo e logo do imperialismo contemporâneo que necessitam ser incorporadas em qualquer abordagem teórica que represente uma arma potente da crítica, bem como uma crítica bem fundamentada para a ação social.

Considerações Finais

Apesar de insuficiências importantes e inevitáveis, a teoria de Galtung merece ser melhor estudada. Não apenas porque o imperialismo é uma manifestação inerente ao desenvolvimento e à evolução do capitalismo, mas porque enfatiza o pilar fundamental do fenômeno, viz., as diferenças entre os países. Nas teorias burguesas do comércio internacional de origem Ricardiana, as diferenças de produtividade levam à especialização e logo ao comércio internacional, que proporciona ganhos para todos os países envolvidos. Ainda que haja abordagens que consideram a possibilidade de perdas setoriais, pela dificuldade de movimentação do trabalho ou do capital, ou ainda que considerem as diferenças em termos da composição técnica do capital em geral (relação entre capital acumulado e força de trabalho), o poder está ausente nestas abordagens. E deve estar, dada sua natureza social. Mas a confissão de Bolton sobre o ímpeto para anexar territorialmente países politicamente livres desmonta a falácia dos países sem poder. A proliferação de bases militares estadunidenses pelo mundo, e agora também em Alcântara, no Maranhão, reforça a tese de que a força militar é uma característica intrínseca do imperialismo. Contudo, é preciso ir além e reconhecer que este atributo deriva da diferença de poder, não apenas militar, mas econômico, político, de controle das redes de



comunicação e transporte e cultural. E justamente isto que a teoria estrutural do imperialismo de Galtung propõe.

A diferença ou desigualdade entre os países reflete o diferencial de poder, que não é herdado ou uma dádiva, mas construído social e historicamente. O poder acumulado e distribuído de forma assimétrica reflete uma combinação de desenvolvimento desigual e uso do Estado para manter este diferencial. Essa é a essência do imperialismo. Este poder envolve também a utilização do excedente econômico para o desenvolvimento do complexo militar-industrial. Rosa Luxemburgo estava certa, pois, ao contrário de Keynes, não se pode pensar o imperialismo sem o militarismo. Mas Galtung consegue desenvolver uma abordagem que busca unificar todas as dimensões do fenômeno imperialista. Incorporando as mudanças que se tornaram mais pronunciadas desde seu trabalho seminal em 1971, incluindo a ascensão da China, a financeirização ou o capital monopolista financeiro (Amin, 2018) e o papel das instituições multilaterais, este último atributo principalmente na aparência, proporcionaria uma importante renovação em uma abordagem que tem sido indevidamente negligenciada nos estudos do imperialismo. A ação anti-imperialista e logo pacifista de fato, inevitavelmente deve remeter ao fim deste mundo e assim para uma sociedade pós-capitalista. Mas para isso precisa estar ancorada em uma abordagem sólida e atual, tanto quanto o fenômeno histórico que busca entender.

Referências

- Albo, Gregory. The Old and New Economics of Imperialism. In: Leo Panitch and Collin Leys (eds.) **Socialist Register: The New Imperial Challenge**, New York: Monthly Review Press, 2004.
- Amin, Samir. **Modern Imperialism: Monopoly Finance Capital, and Marx's Law of Value**. New York: Monthly Review Press, 2018.
- Barone, Charles. **Marxist Thought on Imperialism**, Armonk: M.E. Sharpe, 1985.
- Becker, David G.; Frieden, Jeff; Schatz, Sayre P.; Sklar, Richard L. **Postimperialism: International Capitalism and Development in the Late Twentieth Century**, Boulder: Rienner Publishers, 1987.
- Bolton, John. **In The Room Where It Happened: A White House Memoir**. New York: Simon & Schuster, 2020.
- Borón, Atilio. **América Latina en la Geopolítica del Imperialismo**. Buenos



- Aires: Ediciones Luxemburg, 2012.
- Brewer, Anthony. **Marxist Theories of Imperialism: A Critical Survey.** London and New York, Routledge & Kegan Paul, 1980.
- Brown, Michael B. **The Economics of imperialism.** London: Penguin Books, 1976.
- Brown, Michael B. **Essays on Imperialism,** London: Spokesman Books, 1972.
- Brown, Michael B. **After Imperialism.** London: Humanities Pres, 1970.
- Bukharin, Nikolai. **A Economia Mundial e o Imperialismo.** São Paulo, Abril Cultural, 1984[1915].
- Chilcote, Ronald H. (ed.) **The Political Economy of Imperialism: Critical Appraisals.** New York: Rowman & Littlefield Publishers, 2000.
- Corrêa, Hugo Figueira de Souza. **Teorias do Imperialismo no Século XXI: (In)Adequações do debate no Marxismo.** Tese. Programa de pós-graduação em economia do Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.
- Day, Richard B.; Gaido, Daniel (eds., trad.). **Discovering Imperialism: Social Democracy to World War I.** Leiden: Brill, 2012.
- Duménil, Gérard; Lévy, Dominique. The Economics of US Imperialism at the Turn of the 21st Century, **Review of International Political Economy,** Vol. 11, No. 4,, pp. 657-676, 2004.
- Enfu, Cheng; Baolin, Lu. Five Characteristics of Neoimperialism: Building on Lenin's Theory of Imperialism in the Twenty-First Century, **Monthly Review,** 73(1), 22-58, 2021.
- Etherington, Norman. **Theories of Imperialism: War, Conquest and Capital.** New Jersey: Barnes & Noble Books, 1984.
- Galeano, Eduardo. Latin America and the Theory of Imperialism. **Monthly Review,** Vol. 21, No 11, p.8-25, 1970.
- Galtung, Johan. A Structural Theory of Imperialism- Ten Years Later. **Millennium: Journal of International Studies,** Vol. 9(3): 181-196, 1980.
- Galtung, J. Conflict on a Global Scale: Social Imperialism and Sub-imperialism – Continuities in the Structural Theory of Imperialism. **World Development,** 4(3), 153–165, 1976.
- Galtung, Johan. A Structural Theory of Imperialism. **Journal of Peace Research.** 8, 81–117, 1971.
- Halliday, John; McCormack, Gavan. **Japanese Imperialism Today.** New York: Monthly Review Press, 1973.
- Harvey, David. **The New Imperialism.** New York: Oxford University Press, 2003.
- Hauer, Thomas; Milanovic, Branko; Naidu, Suresh. Inequality, Foreign Investment, and Imperialism, **MPRA Paper No. 83068,** 2017.



Disponível em: <https://mp.ra.ub.uni-muenchen.de/83068/>. Acesso em 11/10/2021.

- Hilferding, Rudolf. **O Capital Financeiro**. São Paulo, Abril Cultural, 1985[1910].
- Hudson, Michael. **Super Imperialism: The Origin and Fundamentals of US World Dominance**, London: Pluto, 2003 [1972].
- Lenin, Vladimir I. **O Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo**. Campinas. FE/UNICAMP/NAVEGANDO, 2011[1916].
- Luxemburgo, Rosa. **A acumulação de Capital: Contribuição ao Estudo Econômico do Imperialismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1984 [1913].
- Kamp, Tom. **Theories of Imperialism**, London: Dennis Dobson, 1967.
- Kautsky, Karl. **Ultra-Imperialism**, *New Left Review*, 59, 1970 [1914].
- Keynes, John M. National Self-Sufficiency. **Studies: An Irish Quarterly Review**, Vol. 22, No. 86 pp. 177-193, 1933.
- Magdoff, Harry. **Imperialism: From the Colonial Age to the Present**, New York: Monthly Review Press, 1978.
- Magdoff, Harry. **The Age of Imperialism**, New York: Monthly Review Press, 1969.
- Mandel, Ernest. **Europe versus America: Contradictions of Imperialism**, New York: Monthly Review Press, 1970.
- Milan, Marcelo. Structural Violence and Imperialism. In: Immanuel Ness and Zak Cope (eds.) **The Palgrave Encyclopedia of Imperialism and Anti-Imperialism**. 2nd ed., pp. 2538-2548, Cham, Springer International, 2021.
- Mommsen, Wolfgang J. **Theories of Imperialism**, Chicago: University of Chicago Press, 1982.
- Noonan, Murray. **Marxist Theories of Imperialism: A History**. London: I. B. Tauris, 2017.
- Nowell, Gregory P. Imperialism and the Era of Falling Prices. **Journal of Post Keynesian Economics** Vol. 25, No. 2, pp. 309-329, 2002-2003.
- Owen, Roger; Sutcliffe, Robert B. **Studies in the Theory of Imperialism**. London: Longman Publishing Group, 1972.
- Patnaik, Utsa; Patnaik, Prabhat. **Capital and Imperialism: Theory, History, and the Present**. New York: Monthly Review Press, 2021.
- Patnaik, Utsa; Patnaik, Prabhat. **A Theory of Imperialism**. New York: Columbia University Press, 2016.
- Patnaik, Prabhat. Whatever Happened to Imperialism? **Monthly Review**, Vol. 42(6), p.1-7, 1990.
- Petras, James; Veltmeyer, Henry (eds). **Extractive Imperialism in the Americas: Capitalism's New Frontier**. Chicago: Haymarket Books,



2015.

Petras, James; Veltmeyer, Henry. **Globalization Unmasked: Imperialism in the 21st Century**. London: Zed Books, 2001.

Radice, Hugo (ed.) International Firms and Modern Imperialism, New York: Penguin, 1975.

Rowthorn, Robert. Imperialism in the 1970s – Unity or Rivalry? **New Left Review**, 69, 1971.

Serfati, Claude. Imperialism in Context: The Case of France. **Historical Materialism** 23(2): 52 – 93, 2015.

Smith, John. **Imperialism in the Twenty-First Century: Globalization, Super-Exploitation, and Capitalism's Final Crisis**. New York: Monthly Review Press, 2016.

Suwandi, Intan. **Value Chains: The New Economic Imperialism**. New York: Monthly Review Press, 2019.

Suwandi, Intan; Jonna, R. Jamil; Foster, John B. Global Commodity Chain and the New Imperialism. **Monthly Review**, Vol. 70 (10), p. 1-24, 2019.

Valencia, Adrián S. **Subimperialismo e Dependência na América Latina – o Pensamento de Ruy Mauro Marini**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2019.

Warren, Bill; Sender, John (ed.). **Imperialism, Pioneer of Capitalism**. London: Verso, 1980.

Warren, Bill. Imperialism and Capitalist Industrialization, **New Left Review** 81, 1973.

Xu, Zhun. The Ideology of Late Imperialism: Return of Second International Geopolitics. **Monthly Review**, Vol. 72 (10): 1-20, 2021.

Recebido em 11 nov. 2021 | aceite em 11 dez. 2021

